

Emulações da Precariedade e Autenticidade nas Cenas Bolsonaristas: Análises da Estética da Extrema-Direita Brasileira

Emulaciones de Precariedad y Autenticidad en Escenas Bolsonaroistas: Análisis de la Estética de la Extrema-Derecha Brasileña

Júlia Morena Costa


Doutorado em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia

Docente, Universidade Federal da Bahia, Bahia, BA, Brasil

 juliamorenacosta@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-2272-9893>

 <https://doi.org/10.29327/2206789.19.32-6>

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Resumo

Este artigo objetiva analisar produções midiáticas e cênicas da extrema-direita brasileira, em especial relacionadas a Jair Bolsonaro, a partir dos seus efeitos de autenticidade e precariedade. A partir da análise das produções veiculadas nas redes sociais bolsonaristas, entendendo-as como elaborações de grande efeito político e mobilizador da sociedade nos últimos anos, procura-se discutir suas estratégias e características próprias. Para isso, são elencadas suas transmissões semanais ao vivo, fotografias, vídeos e discursos, a partir de três pontos de análise: as cenas que performam subversão da lei, as cenas religiosas e as cenas que envolvem o ato de comer, servir ou cozinhar refeições. Salieta-se que não se pretende esgotar os exemplos, mas sim, trazê-los como indicadores de possíveis caminhos de análise. Busca-se, com esse trabalho, apontar para a importância dos saberes da arte e dos estudos da linguagem, para a decodificação de estratégias de comunicação política em uma época de intensa espetacularização.

Palavras-chave: autenticidade, performance, política, extrema-direita

Resumen

Este manuscrito tiene como objetivo analizar producciones mediáticas y escénicas de la extrema derecha brasileña, especialmente relacionadas con Jair Bolsonaro, a partir de sus efectos de autenticidad y precariedad. A partir del análisis de las producciones difundidas en las redes sociales de Bolsonaro, entendiéndolas como elaboraciones de gran efecto político y movilizador de la sociedad en los últimos años, buscamos discutir sus estrategias y sus propias características. Para ello, se analizan sus transmisiones semanales en vivo, fotografías, videos y discursos, desde tres puntos de análisis: las escenas que realizan la subversión de la ley, las escenas religiosas y las escenas que involucran el acto de comer, servir o cocinar. Cabe señalar que no se pretende agotar los ejemplos, sino traerlos como indicadores de posibles caminos de análisis. El objetivo de este trabajo es señalar la importancia del conocimiento del arte y los estudios del lenguaje, para la decodificación de las estrategias de comunicación política en un momento de intensa espectacularización.

Palabras-clave: autenticidad, performance, política, extrema-derecha

Recebido em 28/11/2022

Aceito em 29/12/2022

Publicado em 31/03/2023

Introdução

O que podem os estudos da linguagem e a crítica teatral quando o horror se instala explicitamente na política e produz tantos ou mais espetáculos que qualquer obra ficcional? Como usar o saber da crítica literária e dos espetáculos para desarmar as cenas espetaculares produzidas deliberadamente e seus efeitos sobre uma sociedade que assiste diariamente a um show elaborado para monopolizar seu olhar? E quando a estetização da política, bem sinalizada por Benjamin (1994), atinge seus extremos e toma o espaço da própria discussão política? Considerando o apontado por Ileana Dieguez (2009), que “o político não se configura pelas problemáticas e temas, mas sim, especialmente, pela maneira na qual se constroem as relações com a vida, com o entorno, com os outros, com a memória, a cultura e, inclusive, com o artisticamente estabelecido”, torna-se imprescindível que o campo das artes, nas suas mais variadas linguagens, seja tomado como uma fonte de saber para a compreensão e ação no mundo contemporâneo, em especial, nos tempos de barbárie.

Para nossas análises, neste artigo, nos aproximamos do conceito de teatralidade, proposto por Jorge Dubatti (2017), ancorado na Antropologia do Teatro, ao defender que “la teatralidad es una condición de posibilidad de lo humano que consiste en la capacidad humana de organizar la mirada del otro, de producir una óptica política o una política de la mirada” (p.21) . Partimos de um saber da teatralidade, que ultrapassa o teatro enquanto

arte e se amplia para um entendimento da teatralidade como um saber organizativo da mirada humana, podendo ser usado, entre outros, para fins políticos:

El mundo humano se sostiene en una red de mirada. Esa red o redes de mirada (de lo que debe y no debe verse, de lo que puede y no puede verse) generan acción social en todos los planos de la vida comunitaria y sostienen el poder, el mercado, la totalidad de las prácticas sociales. (...) Cuando hablamos de mirada, no nos referimos sólo a la mirada de los ojos, al estímulo físico-sensorial sino, en un sentido más amplio, a la percepción tanto física como emocional e intelectual. (p.22)

Dessa forma, nos propomos analisar cenas promovidas pelas redes bolsonaristas, em especial as produzidas e divulgadas pelo próprio Jair Bolsonaro, que visam organizar o olhar de sua base apoiadora, assim como dos que o rechaçam politicamente, ordenando e dominando o olhar da população brasileira durante sua gestão presidencial. Os materiais aqui selecionados, visam sinalizar que há uma ação teatral que organiza o olhar de um público que tem acesso a esses materiais, com objetivos de divulgação de valores e simbologias específicas, através de proposições estéticas planejadas, ainda que dissimuladas em uma aparente espontaneidade.

Faz-se importante lembrar que vivemos em um regime de economia de atenções muito bem explorado até então por certos grupos políticos em plataformas como redes sociais (Whatsapp, Facebook, Twitter, e cada vez mais Telegram, entre outras) que têm pautado nosso imaginário, nossas demandas políticas, os jornais impressos e televisivos e nossas discussões cotidianas. Constantemente, aparições públicas de políticos já são planejadas visando a produção de material para as redes sociais, a exemplo da entrada de Jair Bolsonaro no avião comercial no Espírito Santo em 2021 ou as “motociatas”, ocorridas nos últimos meses, em que são criados takes específicos para provocar engajamento nos canais bolsonaristas e de seus opositores. Temos, nesse momento, um presidente que se comporta como entertainer, que faz um *talkshow* semanal, às quintas feiras, com um espaço incerto e indefinido entre o pessoal (a partir de um perfil pessoal de rede social) e o oficial como presidente, escapando de possíveis sanções ou responsabilizações pelo que diz, mas garantindo um público expressivo e com caráter de verdade oficial.

Nessa brecha, Bolsonaro encena a naturalidade e a precariedade em uma estética elaborada desde antes da eleição (cenário pregado com fita crepe, câmeras amadoras de celulares, iluminação improvisada). Abundam cenas familiares, de refeições, bravatas, piadas e confissões de cansaço. Um espetáculo semanal, seguido de pílulas quase

diárias, ocupando a pauta de jornais, das redes sociais e da nossa política com pontos pouco frutíferos, mas com imenso engajamento, seja por opositores ou apoiadores. Ações que se coadunam muito bem para o sucesso da economia das atenções e para a geração de um caos que exaure a cena pública e mantém o ânimo de seus fiéis apoiadores amparados mais pelo simbolismo de seu “mito”, do que por resultados concretos de sua atuação política que até o momento são pífios até para a agenda conservadora.

Em uma máquina que funciona em diferentes plataformas e a partir de gatilhos em variados recursos e linguagens (jornais escritos, interação articulada em redes sociais, vídeos de Youtube, pronunciamentos oficiais, cenas caseiras e cotidianas, fotos supostamente vazadas), opera uma ação coordenada e milionária cada dia mais explícita. No início do ano passado, ficou comprovado que empresários bolsonaristas investiam uma média de 5 milhões de reais mensais na produção de conteúdos para manutenção dessa rede e de perfis falsos que atacam os opositores e instituições, em uma encenação de voz popular (Estadão, 2020, s.p.). Além, claro, de financiamento estrangeiro e uso de marqueteiros de outros presidentes do mesmo tipo internacionais. Tais ações promovem um ecossistema informacional, em múltiplas plataformas, que se alimenta intrinsecamente, gera conteúdos e enriquece seus produtores. O canal de Youtube do presidente em exercício entre 2018 e 2022, por exemplo, que já conta com mais de 10 anos de funcionamento e atividade intensa, e tem mais de 3,4 milhões de inscritos, ampara e é articulado por toda uma rede de outros canais alinhados politicamente, inclusive os dos seus próprios filhos e de alguns ministros, todos engajados na produção de conteúdo de seus canais próprios e associados às pautas presidenciais.

Há alguns anos, como um fenômeno mundial e não só local, houve a ascensão de políticos que são ou se tornam *showmens* e *entertainers*: Trump nos Estados Unidos, Matteo Salvini na Itália, André Ventura em Portugal, e o mais recente Javier Milei na Argentina, os inúmeros youtubers que se tornaram deputados nas últimas eleições, candidaturas como do apresentador Datena ou de Luciano Huck, que foram cogitadas para 2022, e claro, Bolsonaro, frequentador contumaz de programas sensacionalistas e agora dono de um show particular semanal às quintas feiras, nos quais fala de sua atuação, chama convidados, toca músicas e realiza entrevistas. Além de sua ação cotidiana no chamado “cercadinho” (espaço destinado aos apoiadores na entrada do Palácio da Alvorada), onde interage com seus eleitores e divulga essas conversas supostamente improvisadas. A produção de uma verdade paralela e da exaustão de

imagens que nos fazem rapidamente esquecer de um escândalo pior, para concentrar em um mais ameno (alguns até risíveis, propositalmente), garantem ao presidente uma aprovação constante que ronda os 30% dos eleitores, afiançando uma sobrevivência política até às próximas eleições. Também assegura a ele uma não responsabilização pelos seus atos e uma narrativa de perseguição constante, de frequente risco e, por isso, precisaria ser defendido pelos seus apoiadores a todo o tempo.

Suas *lives* semanais, em geral, respondem a uma mesma sistemática de cenário simplificado, contando com uma mesa, papéis ofício com impressões de notícias e tuítes. Essas reportagens e tuítes impressos, muitas vezes, são os mesmos utilizados por ele no “cercadinho”, para comentar as notícias, principalmente as que são negativas ao seu governo. Usando, nessas ações, uma estratégia especular de absorção da produção da oposição: quando se defende dos supostos ataques, se posiciona como uma vítima e com isso reorganiza sua base em sua defesa. E, quando faz chacotas dos ditos esquerdistas, provoca reações tanto da oposição quanto dos seus apoiadores por, ao mesmo tempo, causar comoção pelo estabelecimento de um opositor comum que une a sua base, pautando as redes sociais em ambos os espectros políticos polarizados. Também compõem o seu cenário objetos simples e temáticos, canetas da famosa e popular marca Bic, denotando simplicidade, e, em geral, alguma bebida ou comida simples, tais como um refrigerante e um pão, por exemplo. Em geral, faz uso de um figurino também simples e, muitas vezes, veste camisas de time de futebol ou roupas casuais, assim como seus convidados e, esporadicamente, utiliza adornos temáticos, como na sua visita ao Amazonas, em 2021. Em geral, apresenta postura corporal não formal, sentando-se de maneira relaxada, recostado sobre a cadeira ou apoiado na mesa, denotando informalidade e casualidade. Usa um tom de proximidade com o público, através de vocabulário simples e uso frequente de palavrões e xingamentos à mídia e aos oponentes políticos e se expressa com naturalidade e informalidade no tom de fala, tanto quando se dirige aos convidados presentes quanto quando dialoga com seus espectadores, inserindo piadas, conversas paralelas com assuntos não relacionados ao tema tratado e entrada e saída de personagens do extra-quadro. É importante sinalizar que toda a transmissão da *live* se dá sem cortes e com ajustes de câmera, inserção e recolocação de objetos em cena e acertos na microfonação, sem interrupção da gravação, mas sim incorporados à performance. A inclusão de informação extra não se dá pela via de inserção de vídeos ou imagens na montagem, mas a partir de fotos e reportagens

impressas em folhas ofício brancas ou de uso de celulares com gravações em áudio ou vídeo que são trazidas na hora por alguém dos bastidores, que adentra na cena para mostrar o aparelho.

A organização e proposição formal destas produções simulam uma certa precariedade e espontaneidade que dialogam com a “estética do amador”, tendência com ampla recorrência em produções audiovisuais contemporâneas de variadas naturezas. Rodrigo Carreiro (2018) sinaliza que esta estética da imperfeição “tem marcado presença através de múltiplas tendências estilísticas. Uma das mais proeminentes consiste na valorização de imagens e sons precários, de baixa resolução e/ou legibilidade, impregnados de erros técnicos, com textura amadora – uma espécie de estética da imperfeição” (p.156) que tem ganhado a preferência do público.

Brasil e Migliori (2010) corroboram essa tendência e sinalizam que:

Não apenas nos telejornais, mas também nos programas de auditório, nas investigações policiais, nas campanhas publicitárias e políticas, no cinema de grande e pequeno orçamento e em praticamente todos os tipos de site na internet, as imagens amadoras assumiram, nos últimos anos, um papel preponderante. (p. 86)

Tais produções, especialmente no campo político, têm sido capazes de extrair da suposta precariedade um elemento de autenticidade da ideia de conteúdos produzidos por amadores. Carreiro (2018), defende que essas formas supostamente de ‘real’ vem sendo usadas como estratégia de “engajamento afetivo de espectadores e utilizadas (intencionalmente ou não) para agregar valor cultural estético, biopolítico e econômico a obras que as utilizam para gerar uma aura de autenticidade e verossimilhança.” (p.157) Esta estética, nas campanhas bolsonaristas têm gerado um expressivo capital político baseado na aura de espontaneidade e casualidade nelas injetada, majoritariamente de forma simulada.

Sempre acompanhado de intérpretes de libras, nas transmissões semanais ao vivo, o presidente recebe convidados, conta piadas, conversa sobre temas de governo intercalados com assuntos genéricos do momento. Esse fazer confunde a função do presidente, mesclando grandes assuntos com exemplos pessoais, valorizando ações pequenas, como inauguração de mínimos trechos de estradas ou fontes de água, e diminuindo a importância de grandes questões nacionais como o combate à pandemia.

É comum que em alguns momentos, o presidente se mostra relaxado e estabelece assuntos com a equipe presente sobre futebol ou outros temas cotidianos durante as

lives. Mostrando-se à vontade com as pessoas cujas vozes que, desde os bastidores, adentram na cena, pergunta sobre os temas discutidos de maneira bem humorada. Performa, assim, uma pessoa acessível, democrática, com desejo de escuta das pessoas “comuns” da equipe. A proximidade com o público se estabelece tanto nas *lives*, através das conversas com a equipe e no tom informal, como no conhecido “cercadinho”, em que interage diretamente com seus apoiadores. Essa proximidade também está performada nas manifestações de rua, quando reafirma seu discurso de “homem do povo”, que come em barraquinhas, entra em padarias, passeia com seus apoiadores, assim como durante a sua campanha presidencial, nas relações diretas que estabelecia com seus grupos virtuais de apoio, em especial no Whatsapp (Goulart, 2018, s.p.). Assim, a mesma estratégia de interação informal se estabelece nos 4 espaços (*lives*, “cercadinho”, passeios na rua e grupos de militância), sempre protegido da imprensa oficial ou do contraditório, pois em todos estes ambientes é conhecido o controle de quem ali pode adentrar ou permanecer. O acesso ao “cercadinho”, por exemplo, é controlado por seguranças, que verificam o grau de apoio que o público manifesta e proíbe a entrada de qualquer pessoa com equipamento profissional, para coibir a participação da imprensa infiltrada, embora a informação divulgada é de que seja um local democrático e de amplo acesso ao presidente.

A Política do Espetáculo

Durante os últimos quatro anos, entre 2018 e 2022, verificou-se uma produção extensa e intensa de espetacularização das ações presidenciais e de outros políticos do campo da extrema-direita e alguns desses espetáculos têm se mostrado notadamente reincidentes, e repetitivos. Por isso, elenca-se, nessa pesquisa, alguns deles a título de exemplo.

O primeiro dessa classificação seriam os dedicados à perversão da lei, seja esta entendida como moral ou mesmo constitucional. Nesses acontecimentos, são excessivos os casos de aglomeração no período de quarentena provocados por Bolsonaro, enquanto governadores e autoridades orientavam o isolamento. Também foi comum a produção e divulgação de cenas do presidente comendo churrasco e andando de jet-ski, enquanto o país que ele governa atingia marcas significativas de mortes pelo adoecimento por SarsCov-19, no mesmo dia que o Congresso e o STF declararam luto oficial (Pires, 2020,

s.p.) (Extra, 2020, s.p.). Também foram produzidas contravenções de trânsito, como ocultar as placas das motos na “motociata”, o que, a princípio, não teria sentido lógico, pois era um material extensamente divulgado e com autoria declarada, mas que, no entanto, foi uma importante performatização da contravenção. Houve ainda uma série de alusões ao nazismo e supremacismo branco, tais como beber leite durante sua *live* ou, ainda mais diretamente, durante o debate eleitoral do dia 28 de agosto de 2022, ao fazer suas considerações finais com o lema “Deus, Pátria e Família”, criado pelo fascismo e usado pelo integralismo no Brasil. Todos esses exemplos que, longe de esgotar o elenco de ações e cenas promovidos por Bolsonaro e seus correligionários, se consolidam como espetáculos que reafirmam o seu poder e espontaneidade e provocam rápida reação dos seus supostos ‘inimigos’ atacados. Há, em todos estes exemplos, uma explicitação da percepção clara das regras legais e morais ou da liturgia e formalidade exigidas pelo próprio cargo, mas têm-se espetacularizado justamente a subversão dessa lei sem nenhum pudor. E, esses atos são transformados, mais uma vez, em capital político, performando autenticidade e poder, pois seu autor, assim, se coloca acima da lei, acima de quaisquer regras. Atualmente, como mostra de perseguição, vem se espetacularizando não só a tentativa de burlar a lei, mas também os impedimentos que seus autores têm sofrido para fazê-lo. Como no caso do jogo de futebol ocorrido em 10 de outubro de 2021, em que divulgou ter sido supostamente impedido de comparecer à partida por não estar vacinado, questionando essa exigência sanitária. Mais tarde, revelou-se que, na verdade, a equipe presidencial nunca havia entrado em contato com o time que havia feito a exigência e que o presidente não havia comparecido ao estádio. Tal fato foi amplamente noticiado pela sua base midiática, a partir de significantes como a coragem do presidente e a intolerância e iniquidade das medidas sanitárias supostamente exigidas. (Teófilo & Almeida, 2021, s.p.).

É importante sinalizar que a agressividade da performance desses atores políticos rapidamente é mimetizada e ecoada pelos seus apoiadores em manifestações públicas. Significativos exemplos desse fenômeno foram a invasão recente do Capitólio, nos EUA, o apoio popular violento ao deputado Daniel Silveira, no Brasil, ou, ainda, a manifestação dos caminhoneiros ocorrida em 07 de setembro de 2021, com a invasão da Esplanada e do Ministério da Saúde. Todos esses eventos foram filmados e divulgados pelos próprios participantes. A invasão ao Capitólio, assim como todos esses eventos, foi realizada na e para a internet para milhões de pessoas em todo o mundo, que assistiram as

transmissões. A maioria filmava a si mesmo e performativa poder dentro dos prédios invadidos (Colomé, 2021, s.p.). *Lives*, fotos e textos eram gerados em tempo real. Essas pessoas buscavam, declaradamente, reconhecimento entre os seus, diziam querer ser vistas e recordadas. Declararam querer se transformar em sujeitos pertinentes para a história, ainda que para isso tenham produzido provas contra si mesmas de seus próprios crimes⁷. Frequentemente, assim como no caso do Capitólio, a performance de manifestações públicas ocorre para as câmeras, muito mais do que para os presentes. Essa presença performática garante um valor de pertinência e de importância, que alimenta o capital de atenção desses atores sociais e políticos. Não raro esse capital rapidamente é transformado em votos ou engajamento nas redes sociais. São extensos os exemplos de envolvidos em escândalos que rapidamente são alçados a representantes políticos como deputados e vereadores e que se mantêm na função pública e representativa por sucessivamente provocar ações performáticas que lhe garantam continuar aparecendo nos compartilhamentos de redes sociais e de mídia oficial. Poderiam, esses atos políticos sociais, serem lidos como uma liminaridade, como proposto por Turner (1988) e sinalizado por Dieguez (2009), ao instalar na vida cotidiana de uma comunidade (neste caso, uma comunidade restrita como seriam os grupos de apoio aos presidentes citados) um tempo dramático e de comportamentos exaltados, na qual se abre uma brecha pública de um ato emocional que se destina a desafiar a estrutura de poder? Neste caso, haveria um interesse constante dos (autoproclamados) representantes desses grupos de perpetuar a liminaridade, mantendo um estado permanente de tensão e rivalidade, fazendo da subversão e do caos um modo político de sustentação.

Outras categorias recorrentes são as cenas religiosas e o uso das cenas alimentares, sejam estas íntimas ou familiares ou em eventos oficiais de governo. É importante ressaltar que, muitas vezes, essas três categorias mencionadas – subversão da lei, cenas religiosas e o gasto populismo – acontecem de forma imbricada, podendo

⁷ É importante destacar que nesses casos é constante a produção de imagens que pervertem os limites da lei ou da moral, performando poder, mas que também servem, posteriormente como registro dessa infração, ocasionando sua possível punição. Caso emblemático é o da CPI da Covid, ocorrida no Brasil em 2021. Pela primeira vez, um inquérito dessa natureza conta com extenso material produzido pelos próprios agentes dos crimes – ainda que no terreno de uma possível dubiedade, como de praxe – que atestam as várias ocasiões em que se perverteu a lei e o combate à pandemia. Houve, por exemplo, por exemplo, a reunião do “comité paralelo de saúde” filmado, ainda que os interrogados da CPI negassem sua existência. Essa estratégia opera no *doublebind*, ou seja, o envio de duas informações opostas ao mesmo tempo, gerando um ruído comunicacional que permite simultaneamente a defesa e a negação dos mesmos atos pela base apoiadora.

um ato performar mais de uma dessas características mobilizadoras de sua base bem como de sua oposição.

Assim, como a segunda categoria de cenas analisadas por este estudo, estão as de cunho religioso. Nesta, constam tanto as estritamente religiosas, como os batismos – inclusive o do próprio Bolsonaro no rio Jordão pelo pastor Everaldo cujo vídeo foi amplamente divulgado –, presenças em cultos, indumentárias com referências aos ícones litúrgicos cristãos e judaicos, entre outros atos. Mas, também, os atos alegóricos como, por exemplo, nas ofertas da cloroquina aos seus seguidores reunidos nas manifestações de 2020, tal qual em ofertórios de cultos. Ou, mais significativamente, no discurso feito por Bolsonaro quando Sérgio Moro, seu então ministro da Justiça, se demite do cargo e rompe com seu governo e é comparado a Judas, que traiu o messias, enquanto Bolsonaro se compara a Jesus traído. Bolsonaro, nesse discurso, evoca a cena da mesa compartilhada entre os dois e o prenúncio da traição. Ao comparar o suposto café da manhã com seus ministros colocados como apóstolos à Santa Ceia, Bolsonaro reconstrói a passagem bíblica anunciando que seria traído naquele dia.

A imagem, que, mais uma vez, coloca Jair como Jesus, o Messias que se sacrifica para nos salvar (a primeira vez, dando seu sangue na facada e, agora, enfrentando um judas entre os seus), dialoga com um imaginário muito fomentado pelas bases bolsonaristas. Sacraliza o mito e o reafirma como aquele que deve ser seguido, mesmo que os caminhos pareçam tortuosos. O perseguido, vilipendiado, crucificado, mas altivo e que merece ser defendido. (Costa, 2020, s.p.)

Novamente, nas campanhas para eleição presidencial de 2022, o apelo bíblico é um importante componente da sua divulgação como candidato à reeleição. Além das comparações entre Bolsonaro e o messias, que deve criar o reino de Deus na Terra, sua esposa, Michelle Bolsonaro, vem sendo comparada à Ester, importante personagem feminina da bíblia que, apesar do improvável, se torna rainha ao se casar com o rei Assuero e recebe a missão de salvar o povo hebreu da morte. Também são efusivamente compartilhadas pela campanha oficial do candidato à reeleição cenas da primeira dama em discursos políticos em tom de pregação, evocando a guerra do “bem contra o mal” e usos de muitas referências bíblicas e palavras significativas para o meio religioso, como “aleluia” e a promessa de que seu marido é o “escolhido de Deus”. A referência à Rainha Ester, essa figura que une política e religião, procura consolidar a imagem de mulher de fé que intercede pelo povo, tal qual a heroína bíblica, e redimir a imagem de Bolsonaro junto ao eleitorado feminino, onde encontra sua principal rejeição. Frequentemente, a

comparação é acompanhada pela foto da primeira dama, as cores da bandeira do Brasil e alusões a elementos ou poses religiosas. As imagens comparativas têm sido divulgadas inclusive por membros do governo, tais como a ministra Damares Alves.

Figura 1

Postagem do Pastor Junior Tercio em redes sociais em 2022 e tuíte da ministra Damares Alves



Fonte: Redes sociais de Pastor Junior Tércio e Damares Alves, 2022

Figura 2

Vídeo de divulgação da visita de Bolsonaro e sua esposa na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte



Fonte: Acervo da autora

Figura 3

Tuíte da ministra Damares Alves



Fonte: Redes sociais de Damares Alves, 2022

E, finalmente, na última categoria trazida a este estudo, estão as inúmeras cenas alimentares e, muitas vezes familiares, que, frequentemente, ocorrem também dentro dos espaços de intimidade. Há, nessas cenas produzidas, elementos muito significativos e repetitivos: adentramento da intimidade; reforço dos valores familiares; simplicidade das áreas de serviço (com uma constante de nunca mostrar as áreas sociais); alimentos simples e acessíveis; falta de artigos de serviço (guardanapo, jogo americano, prato etc.) e de pessoal de serviço (não há garçom ou faxineiro, por exemplo). Estes elementos emulam simplicidade, masculinidade e aproximação com o popular e, como apontado por Paolo Demuru (2021), há ainda um apelo ao nacionalismo instituído a partir das comidas escolhidas para as cenas.

Já no seu jantar de posse, em janeiro de 2019, as contas oficiais do então recém-empossado presidente divulgaram um pequeno vídeo em que ele se servia sozinho e escolhia um prato simples de macarrão, que comeu de pé, usando a faixa presidencial. Logo, as câmeras foram desligadas e nenhuma outra imagem do jantar foi divulgada. Rapidamente, as redes replicaram a postagem, apontando a humildade do presidente em servir a si mesmo um prato de comida tão modesta, ainda que ocupasse o cargo mais importante do poder executivo. Poucos meses depois, sua conta novamente divulga-o almoçando, sozinho, durante os eventos da reunião do Fórum Econômico de Davos, na Suíça, em 2019, em um bandeirão, em foto realizada pelo próprio fotógrafo da Presidência. Tal foto foi acompanhada por uma forte campanha dos perfis bolsonaristas exaltando a simplicidade e autenticidade do presidente, que não esbanjava em almoços caros junto a outros líderes nacionais. Foi amplamente divulgada ainda, uma montagem

que comparava esse momento e escolha de Bolsonaro a um dos seus antecessores na presidência, Luís Inácio Lula da Silva, tomando champagne com sua então esposa, em um exercício de mimese reversa, apontando o primeiro como austero e o segundo como esbanjador. Ainda que estas fotos tenham sido feitas pelo fotógrafo oficial da presidência, elas mantêm o tom amador de enquadramento e luz, simulando um 'flagra' de um momento espontâneo de Jair Bolsonaro, isolado dos outros líderes mundiais e à margem das discussões de poder, ao mesmo tempo que se mantém fiel aos seus supostos gostos simples.

Em 2021, em outra viagem oficial como presidente, desta vez a Nova Iorque, Bolsonaro publica em suas redes que havia sido impedido de entrar em alguns restaurantes e divulga uma foto de si mesmo, junto a sua equipe, comendo pizza na rua, em mais uma construção de simplicidade e autenticidade, desta vez, com efeitos estendidos a toda a sua equipe.

Figura 4

Jantar de posse e almoço no bandeirão durante o Fórum Econômico de Davos, 2019



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, 2019

Figura 5

Jantar de posse e almoço no bandeirão durante o Fórum Econômico de Davos, 2019



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, 2019

Figura 6

Jantar de posse e almoço no bandeirão durante o Fórum Econômico de Davos, 2019



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, 2019

Figura 7

Bolsonaro e sua equipe em Nova Iorque, durante viagem oficial



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro, 2021

Ainda em 2019, Bolsonaro viaja oficialmente ao Japão e, em suas redes, divulga sua dificuldade em se adaptar à culinária local. Recusa-se a comer a comida oferecida e vai a uma churrascaria, fazendo referência a uma comida muito apreciada e popular no Brasil e publica fotos de si mesmo, cozinhando em seu próprio quarto de hotel, um pacote de macarrão instantâneo. Essa última cena foi especialmente apreciada por seus seguidores e o macarrão instantâneo passa a figurar então em várias outras fotos divulgadas pelo então presidente, inclusive com inserções em algumas *lives*.

Figura 8

Recorrência da presença do macarrão instantâneo em imagens divulgadas por Jair Bolsonaro



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro, 2019

Figura 9

Recorrência da presença do macarrão instantâneo em imagens divulgadas por Jair Bolsonaro



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro, 2019

Figura 10

Recorrência da presença do macarrão instantâneo em imagens divulgadas por Jair Bolsonaro



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro, 2019

A repetição de alguns elementos provoca um efeito de reconhecimento em seus espectadores e a exibição da comida passa a dialogar com seu público e “seus posts sobre o mundano ato de comer e cozinhar exibem e defendem seu populismo”, manifestado “pelo uso popular e cotidiano das mídias sociais, tanto quanto discursos políticos formais” (Demuru, 2021, p. 507). Essas cenas mencionadas também performam subversão das regras de diplomacia e da formalidade que se esperam de um presidente da república em missões em outros países. Mais uma vez, esse ato dialoga diretamente com seu público, mobilizando sua base em valores próprios como a autenticidade de um líder que não se dobra ao próprio cargo que ocupa.

Outro elemento alimentar recorrente e usado amplamente em várias ocasiões é a lata de leite condensado. Originalmente publicada em suas redes oficiais ainda durante a

sua campanha, em 2018, a foto de Bolsonaro tomando café da manhã, em uma mesa sem toalha, um café simples em copo de vidro e um pão com leite condensado, sem pratos ou guardanapo de apoio e na área de serviço da sua casa, rapidamente viralizou entre apoiadores e oposição. A mesma cena foi utilizada para apoiar e rechaçar o personagem e fortaleceu a “autenticidade” construída de homem simples e “sem refinamento”, ainda que morasse em um dos mais caros condomínios do Rio de Janeiro. Nesse caso, apoiadores e opositores reafirmaram os mesmos valores, ainda que em julgamentos opostos, fortalecendo a significação proposta pelas imagens produzidas. O leite condensado rapidamente se tornou então elemento significativo para o então presidente, que passou a levar latas grandes e pequenas para suas *lives* e usá-las como elemento cênico

Figura 11

Uso da lata de leite condensado na campanha e como objeto de cena em live



Fonte: redes sociais de Jair Bolsonaro, 2018

Figura 12

Uso da lata de leite condensado como objeto de cena em live



Fonte: redes sociais de Jair Bolsonaro 2021

As cenas alimentares ganha contornos especiais quando adentra os espaços de íntimos e são reiterados, principalmente pelo uso das redes sociais, causando efeito de intimidade com Bolsonaro e sua família, e reforçando valores familiares; da performance masculina (a partir do não uso de apoio de louças ou outros itens de serviço); simplicidade, a partir das escolhas dos alimentos e dos utensílios utilizados e da ausência de equipe de serviço; naturalidade, por supostamente serem capturas espontâneas e não planejadas. São excessivas as imagens de café da manhã de Bolsonaro sozinho ou na companhia de seus filhos.

Figura 13

Cena publicada pelas redes oficiais de Jair Bolsonaro sob legenda "QG", sugerindo que estavam sendo tomadas decisões políticas em família



Fonte: redes sociais de Jair Bolsonaro, 2019

Figura 14

Cenas variadas de café da manhã publicadas nas redes sociais de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022



Fonte: redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, entre 2019 e 2022

Figura 15

Cenas variadas de café da manhã publicadas nas redes sociais de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, entre 2019 e 2022

Figura 16

Cenas variadas de café da manhã publicadas nas redes sociais de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, entre 2019 e 2022

Figura 17

Cenas variadas de café da manhã publicadas nas redes sociais de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, entre 2019 e 2022

Figura 18

Cenas variadas de café da manhã publicadas nas redes sociais de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, entre 2019 e 2022

Figura 19

Cenas variadas de café da manhã publicadas nas redes sociais de Jair Bolsonaro entre 2019 e 2022



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro e apoiadores, entre 2019 e 2022

Figura 20

Reunião com conselheiro de segurança dos EUA, em que o próprio Bolsonaro serve o representante estadunidense em uma mesa simples, na área de serviço de sua própria casa no Condomínio Vivendas da Barra, depois de eleito, em 2018



Fonte: Redes sociais de Jair Bolsonaro, 2018

Considerações Finais

Em todas essas manifestações e cenas analisadas neste artigo, estabelece-se como alinhavo a estética da precariedade como uma das principais configuradoras da autenticidade. O aparente amadorismo, pressupõe uma relação direta, supostamente não mediada por marqueteiros, entre o eleito e seu povo. Geralmente suas imagens parecem ser filmadas em celulares e com apoio de objetos caseiros, como tripés improvisados ou fita crepe (e não em equipamentos profissionais), imagens tremidas ou iluminação amadora, ângulos que parecem improvisados ou não preparados. Há, inclusive, nas produções de Bolsonaro, um interesse específico na encenação e/ou exposição de bastidores, tanto nas *lives*, como nas demais cenas divulgadas nas redes bolsonaristas. Neste materiais, é comum que se exponham bastidores simples e de aparente improvisação, com materiais muitas vezes sendo realizados, supostamente, por seus filhos ou apoiadores amadores. Essa proposição de suposto não anteparo de produção, encontra ecos na estética documental e documentarista e, principalmente, com o fazer dito espontâneo da internet, onde qualquer um poderia realizar uma suposta comunicação direta com seus seguidores. Há, nesse sentido, uma construção proposital de tom precário, barato, de despreparo e despreensão circulando por todas essas produções

espetaculares, emulando uma espontaneidade do seu presidente e até mesmo, em alguns casos, uma adesão popular da claqué infiltrada, como no caso do banho de mar nas férias de Bolsonaro em Praia Grande, em 2021, e que depois verificou-se que vários dos presentes, coincidentemente munidos de celular dentro da água, faziam parte da equipe que sempre o acompanha nos “cercadinhos” do palácio do planalto.

É importante recordar que Jair Bolsonaro, como um populista, tal como definido por Laclau (2013), separa os cidadãos entre apoiadores e detratores e produz uma performatividade de não mediação entre si e seu povo que está composto apenas por seus aliados. Bolsonaro governa e performance para os seus. O seu espetáculo é direcionado para seus apoiadores, que, ainda que difusos por responder a muitos grupos nem sempre coordenados entre si, responde a uma negação de seu oposto, chamados genericamente como esquerdistas ou de sistema. A audiência da oposição é, no entanto, sumamente importante, desde que na provocação de seu rechaço. A performance para os tais ‘esquerdistas’, que tem um conceito também difuso, serve enquanto reafirmadora da oposição e da agregação do seu ‘povo’. Na intensa polarização política, entre o povo e seu inimigo, é recorrente para seus apoiadores interpretar a oposição como validação da própria crença. A provocação de Bolsonaro e as consequentes reações de rechaço reforçam o efeito de reafirmação sobre sua base, criando um significante mais de poder. Ou seja, a rejeição dos opositores é a concretização de parte do espetáculo e seus efeitos. Hoje, esse “povo” corresponde a cerca de 30% de fiéis eleitores, que, ainda que difusos em suas identidades, respondem a algumas mensagens em comum, compartilhando valores como a masculinidade, o apelo popular, a moralidade familiar, a religiosidade e a sobreposição das pautas do mercado. Na arena do confronto polarizado, a energia do rechaço dos inimigos é rapidamente agenciada e capitalizada como validação dos efeitos do espetáculo apresentado ao seu “povo”, que vagarosamente, tende a ser cada vez mais exclusivo, excludente e radicalizada, conforme a rejeição ao presidente aumenta.

Essa performatividade e o alcance de uma mística de força e autenticidade tem se mostrado capaz de criar uma verdade paralela e, no nosso entendimento, se ampara em uma escassez de uma linguagem capaz de decodificá-la para desarmar essa máquina de produção de conteúdos. Dessa forma, entendemos a importância da decodificação das estratégias de construção da suposta naturalidade, autenticidade e espontaneidade dos cliques “surpresa”, “documentos”, de registros desarmados (Cafés da manhã, comendo

milho, gravando pronunciamentos etc.). Infelizmente, os modos cada vez mais performáticos e espetacularizados da política não são uma prerrogativa somente de Bolsonaro e há indícios que continuarão mesmo com a derrota do candidato à reeleição nas urnas. Sabe-se, também, que tal modo de produzir e divulgar mensagens políticas ultrapassa as fronteiras brasileiras e têm assumido caráter global, com incidências em vários territórios atualmente. É preciso criar uma linguagem para contrapor a aparente ilógica da atuação dessa máquina fascista e sedutora. E para isso, acreditamos no saber teatral, na literatura e demais linguagens artísticas e na crítica.

Referências

- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e crítica cultural*. Brasiliense.
- Brasil, A. & Migliorin, C. (2010). *Biopolítica do amador: Generalização de uma prática, limites de um conceito*. Galáxia.
- Carreiro, R. (2018). *A hora dos amadores: Notas sobre a estética da imperfeição no audiovisual contemporâneo*. Rumores.
- CGN (2020, 11 de março). Bolsonaro pagam até R\$ 5 milhões por mês para ataques a STF nas redes. *Jornal CGN*. <https://jornalggcn.com.br/na-rede/bolsonaristas-pagam-ate-r-5-milhoes-por-mes-para-ataques-a-stf-nas-redes/>
- Extra (2020, 09 de maio). Bolsonaro marca churrasco para o dia em que o Brasil deve chegar a 10 mil mortes por coronavírus. *Jornal Extra*.
- Colomé, J. (2021, 01 de setembro). A vitória dos ‘trolls’ que invadiram o Capitólio: Como a Internet se transformou na vida real. *El País*.
- Costa, J. (2020, 29 de abril). Os gatilhos presentes no pronunciamento de Jair Bolsonaro. *Catarinas*.
- Demuru, P. (2021). Gastropopulism: A sociosemiotic analysis of politicians posing as “the everyday man” via food posts on social media. *Social Semiotics*, 31(3), 507-527. <https://doi.org/10.1080/10350330.2021.1930800>
- Dieguez, I. (2009). *Escenarios y teatralidades liminales. Prácticas artísticas y socioestéticas*. Univeridad de Castilla. Archivo Artea UCLM.
- Dubatti, J. (2017). *Poéticas de liminalidad en el teatro II*. ENSAD.
- Efraim, A. (2021, 12 de outubro). Bolsonaro foi proibido de ir ao jogo do Santos? Entenda. *Esportes Yahoo*. <https://esportes.yahoo.com/noticias/bolsonaro-foi-proibido-de-ir-ao-jogo-do-santos-entenda-152007836.html>
- Estadão (2020, 11 de março). Empresários bolsonaristas financiam ataques contra STF, revela inquérito. *Jornal Estadão*. <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,empresarios-bolsonaristas-financiam-ataques-contra-stf-revela-inquerito>
- Goulart, J. (2018, 26 de julho). Oito segundos na tevê; 897 grupos de WhatsApp. *Piauí*.

Laclau, E. (2013). *A razão populista*. Três Estrelas.

Pires, B. (2020, 10 de maio). Brasil passa de 10.600 mortes por covid-19, enquanto Bolsonaro anda de jet ski e chama pandemia de “neurose”. *El País*.

Teófilo, S., & Almeida, K. (2021, 10 de outubro). Sem vacina, Bolsonaro é impedido de assistir ao jogo do Santos, em SP. *R7*.